

## TRABALHO REPRODUTIVO E PANDEMIA DE COVID-19: mulheres negras e o aprofundamento das vulnerabilidades

DARA PEREIRA RODRIGUES<sup>1</sup>; LUIZA CAETANO AFFONSO<sup>2</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [dara.rodrigues46@hotmail.com](mailto:dara.rodrigues46@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [luiza.affonso@hotmail.com](mailto:luiza.affonso@hotmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pfcamila@hotmail.com](mailto:pfcamila@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa refletir sobre o trabalho reprodutivo, historicamente relegado às mulheres, e seus desdobramentos no atual contexto de pandemia do novo Coronavírus a partir da análise de um recorte de dados coletados pela pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” - realizada pelo laboratório Pulsional (UFPEL), em parceria com os laboratórios Marginalia (UFRJ) e Époche (UFPEL). A pandemia de COVID-19, anunciada oficialmente em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde, tem exposto de forma significativa as contradições da sociabilidade burguesa e acentuado ainda mais as desigualdades existentes, especialmente no Brasil. Considerando que em uma situação de pandemia, as mulheres estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes deste cenário, como desemprego, violência, falta de acesso aos serviços de saúde e aumento da pobreza (ONU, 2020), torna-se de fundamental compreender os desafios e impactos que este contexto possui na vida das mesmas.

A pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres” investigou as repercussões subjetivas de diferentes realidades vividas por mulheres durante a pandemia de COVID-19, possibilitando o compartilhamento de narrativas de mulheres de praticamente todos os estados do Brasil e de brasileiras residentes em mais de 20 países. Nas questões do questionário (parte objetiva e parte dissertativa) preocupou-se em articular marcadores sociais como raça, classe, orientação sexual, renda, ocupação, maternidade, entre outros. A pesquisa contou com a participação de 5.874 respondentes, a partir de um instrumento online que permaneceu no ar durante 15 dias – 24 de maio de 2020 a 7 de junho de 2020 –. O grande número de respostas em um curto espaço de tempo confirmou a necessidade de medidas de enfrentamento que possibilitem espaços de falas para as mulheres durante o contexto de pandemia, uma vez que as pesquisas encontradas sobre os impactos desta sob uma perspectiva de gênero denunciam longas jornadas de afazeres e trazem a dimensão do trabalho, do cuidado, da desigualdade, da violência doméstica, da maternidade e da sobrecarga (SILVA ET AL, 2020; MENEZES, NETO, FERREIRA, 2020). Nas respostas ao questionário da pesquisa foi possível encontrar muitos relatos sobre essas dimensões, mais especificamente nas respostas a pergunta dissertativa “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?”. A partir das respostas desta questão, elegemos o seguinte recorte para a análise das narrativas aqui apresentadas: mulheres negras, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que continuaram trabalhando durante a pandemia e cuidam de filhos e outros familiares, que contou com a participação de 136 respondentes e mulheres negras, heterossexuais, mães, de classe menos favorecidas, que perderam seus empregos durante a pandemia, que contou com total de 7 respondentes.

## 2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado com base no método psicanalítico de pesquisa. Este campo de pesquisa visa compreender narrativas e subjetividades encontradas, não tendo como objetivo a construção de uma pesquisa replicável e produtora de conhecimentos/saberes universais (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; MOREIRA, 2002). HARAWAY (1995) ao refletir sobre “objetividade” na ciência, fala sobre a necessidade de uma construção de objetividade corporificada, que dê conta dos projetos científicos feministas. Essa objetividade feminista significa os saberes localizados, que requer que “o objeto do conhecimento seja visto como um ator e agente, não como uma tela, ou um terreno, ou um recurso” (HARAWAY, 1995, p.36). As pesquisadoras deste modo assumem sua perspectiva parcial, situada e corporificada frente aos dados e a implicação com o que se propõem a pesquisar. Seguindo essa perspectiva o contato inicial com as narrativas das participantes ocorreu de forma livre. E ao longo dos encontros do grupo de pesquisa, cada aluna pode compartilhar as reverberações que emergiram deste contato, partindo da inscrição social e histórica de sua subjetividade e a pondo em diálogo com as narrativas acerca dos desdobramentos subjetivos das realidades vividas pelas mulheres nesse momento de pandemia. Portanto o rigor do estudo encontra-se em descrever os processos de cada percurso metodológico, levantar interpretações possíveis e colocar em diálogo com as teorias, por meio da narrativa transferencial, que dá a marca da singularidade ao que se descobre e ao que se inventa e cria em uma pesquisa com o método psicanalítico (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para FEDERECI (2021) o trabalho doméstico e de cuidado são pilares da produção capitalista imposto às mulheres na divisão sexual do trabalho justificado na criação de uma “natureza” feminina, quando na verdade corroboram como parte fundamental na opressão e desigualdade de gênero até os dias de hoje. Dados revelam que o trabalho doméstico assalariado é a categoria que mais concentra trabalhadoras no país: 6 milhões de profissionais, sendo mais de 90% mulheres e 60% de mulheres negras (ONU MULHERES, 2020) configurando desta forma na divisão sexual e racial do trabalho. É importante destacar que na experiência da pandemia o patriarcado, o racismo e o capitalismo se expressam de diferentes formas e intensidades na vida de mulheres de diferentes raças. Nas narrativas que respondem à questão “Quais estão sendo seus maiores desafios frente à pandemia de COVID19?”, é possível evidenciar as especificidades das realidades vivenciadas pelas mulheres negras.

Entre os desafios apontados pelas participantes negras que continuaram trabalhando estão: Enfrentar o transporte público e lugares públicos, que continuam cheios (09). Manter meu trabalho de fora com as atividades de casa e das tarefas do meu filho (23). Lutar pra sobreviver. Ficar longe do meu filho (68). Além de enfrentar a pandemia é triste termos de conviver com o preconceito (72). Lutar para o trabalho doméstico não ser incluído como atividade essencial (82). Não ter direito ao isolamento social, ficar longe da família, conviver com o risco de contágio nos espaços públicos e com o racismo são alguns dos aspectos que marcam a experiência da pandemia narrada por mulheres negras. No relato (68), une-se ao desafio de ficar longe do filho, a luta pela sobrevivência. No relato (82) encontramos

contradição da essencialidade do trabalho doméstico no contexto pandêmico, pois mesmo se tratando de um trabalho essencial para a reprodução da vida e da ordem capitalista, sua terceirização, na forma de trabalho doméstico remunerado, não é uma atividade indispensável às necessidades da população e mesmo assim as empregadas domésticas (em sua maioria mulheres negras) precisaram lutar para que não fosse incluído como tal. Cabe destacar que mesmo em um contexto tão desafiador percebe-se o movimento de organização social e luta por direitos das mulheres negras.

Nos relatos de mulheres negras que perderam o emprego durante a pandemia, para além do trabalho reprodutivo, outro importante marcador surge: situação socioeconômica, principalmente nas narrativas das mulheres que são as únicas responsáveis pelo sustento da família: Ficar sem trabalhar, já que o mesmo proporciona estabilidade financeira... (01). Entre alguns relatos de mulheres que possuem responsabilidade compartilhada pelo sustento de suas famílias, falas relacionadas ao cuidado doméstico e questões financeiras também aparecem: Manter os empregos (02). Manter o equilíbrio financeiro (04). Manter as crianças com estímulos suficientes para se desenvolverem (05). Financeira e educacional (digo na questão de estudos) (07). Percebemos a busca por sobrevivência como uma dimensão que aprofunda as vulnerabilidades a que as mulheres negras já estavam submetidas antes da pandemia.

Diante dos relatos das participantes negras que continuaram trabalhando e das participantes negras que perderam o emprego na pandemia alguns pontos semelhantes surgem: conciliar a sobrecarga do trabalho doméstico e reprodutivo da própria casa e de outras casas, tentativa de conciliar as tarefas de casa com cuidado dos filhos e familiares, medo do contágio por ter que sair de casa todos os dias, preconceito racial e a luta pela sobrevivência. Isso evidencia a luta dessas mulheres para se manterem vivas em meio ao caos social, racial, político, sanitário e financeiro. Estes aspectos são reflexos de um país racista, sexista, patriarcal, que tem a frente um “líder” que pronuncia discursos de ódio a classes e grupos menos favorecidos, também possuem relação direta ao recorte racial feito e denuncia o contexto pré-pandêmico racista em que inúmeras mulheres negras já vivenciavam um cotidiano de violências e precarização da vida, o que a pesquisa mostra que se acentuou significativamente com a pandemia.

#### 4. CONCLUSÕES

Diante do contexto de pandemia a modalidade do *home office* ganhou destaque no mercado de trabalho e na vida de algumas mulheres. Algumas, porque nem todas as mulheres, especialmente as mulheres negras tiveram a oportunidade de continuar trabalhando em casa. E muitas diariamente são expostas ao risco de contaminação por COVID19. Além disso, muitas mulheres negras são expostas ao desemprego e precisam lutar pela sobrevivência, com a escassez de alimentos e a miséria batendo a porta.

É importante ressaltar que a experiência da pandemia trouxe muitos impactos na vida das mulheres negras, agravando um contexto de vulnerabilidade em que a maioria delas já vivia. A ameaça financeira e a falta de acesso aos recursos se acentuaram de forma exponencial dentro deste período. A sobrecarga em que muitas destas mulheres estão submetidas ao tentarem “dar conta de tudo”, do trabalho profissional, trabalho doméstico, cuidado com filhos e familiares, o preconceito racial e o pouco acesso a redes de apoio indicam que para além de uma pandemia de gênero, a pandemia de COVID-19 possui raça e classe. Desta

forma, o racismo e o sexismo na cultura brasileira, como apontado por Lélia Gonzalez (1984), produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular, efeitos estes intensificados em contextos de crise. Portanto a partir destes relatos fica evidente a importância de compreendermos a pandemia de COVID-19 a partir de uma perspectiva de gênero em articulação com um recorte racial e de classe. É fundamental que questionemos a lógica social vigente que privilegia alguns grupos em detrimento de outros.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo**, volume 1. São Paulo: Boitempo, 2021.

FIGUEIREDO L. C., MINERBO M. **Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. Jornal de Psicanálise**, 2006. Acessado em 14 jul. 2021. Online. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt).

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, n.5, 1995, p. 7-41. Acessado em 21 jul. 2021. Online. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, p. 223-244, 1984. Acessado em 21 jul. 2021. Online. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod\\_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20%A9lia%20-%20Racismo%20e%20Sexismo%20na%20Cultura%20Brasileira%20%281%29.pdf) Acesso em 27 mai. 2021.

MENEZES, Caroline Rogrigues; NETO, Clarindo Epaminondas de Sá; FERREIRA, Tayná. **Branca cansada, preta morta: apontamentos sobre o trabalho doméstico e de cuidados e o contexto de pandemia de Covid-19**. Revista Feminismos, v. 8, n.3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42050/23920> Acesso em 26 jul. 2021.

MOREIRA D. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

SILVA, Juliana Marcia Santos; CARDOSO, Vanessa Clemente; ABREU, Kamila Eulálio; SILVA, Livia Souza. **A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher mãe na pandemia**. Revista Feminismos, v.8, n.3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114/23913> Acessado em 26 jul. 2021.

ONU Brasil (2020). **Folha informativa COVID-19**. Acessado em 14 jul. 2021. Online. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covi\\_d19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covi_d19&Itemid=875).